

DENIS JOHNSON

Sonhos de trem

Tradução

Alexandre Barbosa de Souza



Copyright © 2012 by Denis Johnson
Publicado mediante acordo com Farrar, Straus and Giroux, LLC, New York.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Train dreams

Capa
Kiko Farkas e Adriano Guarneri/ Máquina Estúdio

Preparação
Ciça Caropreso

Revisão
Luciana Baraldi
Mariana Zanini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Johnson, Denis
Sonhos de trem / Denis Johnson ; tradução Alexandre
Barbosa de Souza — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras,
2012.

Título original: Train dreams
ISBN 978-85-359-2085-7

1. Ficção norte-americana 1. Título.

12-03406

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

No verão de 1917, Robert Grainier participou da tentativa de assassinato de um operário chinês flagrado roubando, ou pelo menos acusado disso, no armazém da companhia ferroviária Spokane Internacional, na estreita faixa de terra que forma o cabo da frigideira do mapa de Idaho.

Três funcionários da ferrovia prenderam o ladrão e o arrastaram pela margem em direção à ponte que estavam construindo, mais de quinze metros acima do rio Moyea. Uma célebre ladainha brotava caudalosamente do china. Ele se retorcia feito uma doninha dentro de um saco, golpeando para trás, com o único punho livre, o homem que o levava pelo pescoço. Quando o grupo passou por Grainier, ele, vendo que enfrentavam alguma dificuldade, ofereceu ajuda e logo se viu segurando um dos pés descalços do culpado. O homem que olhava para ele, o sr. Sears, gerente da Spokane Internacional, segurava o prisioneiro pela axila sem muita eficácia e foi o único deles, além do incompreensível china, a falar durante o trecho mais árduo da tarefa deles: “Gente, mas que maldita subida que não acaba nunca!”. Vamos

levá-lo assim até lá? Era a pergunta que Grainier queria ter feito, mas achou melhor guardar o fôlego para o esforço. Sears riu, o rosto pálido de fadiga e horror. Caíram todos no barro e se levantaram, caíram de novo, o china falando aquela língua incomprensível e apavorando os quatro a tal ponto que, não importa qual fosse o plano inicial, ele agora podia se considerar um homem morto. A única solução seria jogá-lo lá de cima.

Aproximaram-se dos outros, um grupo de uns doze homens descansando ao sol, apoiados em suas ferramentas, que limparam o suor para assistir àquilo. Grainier, admirado, segurava convulsivamente o pé cascudo do china; o homem do outro pé o soltou e caiu sentado no chão, sem fôlego, e acabou levando um chute no olho, até que Grainier assumiu o controle do pé chutador. “Foi de brincadeira. Foi brincadeira”, o homem sentado no chão falou, e disse a seu companheiro: “Ora, Jel Toomis, vamos deixar isso pra lá”. “Eu não posso deixar pra lá”, disse o tal sr. Toomis, “Eu que peguei ele pelo pescoço!”, e riu com um esgar de confusão no semblante. “Bem, agora eu o peguei!”, disse Grainier, apertando mais forte num abraço os dois pés daquele demônio. “Estou segurando o desgraçado, vocês é que mandam!”

O grupo de carrascos foi para o meio do último trecho terminado, dezoito metros acima da corredeira, e tentou de todas as formas atirar o china dali do alto. Mas ele os superou, agarrando-se a braços e pernas, choramingando sua algaravia, até por fim se soltar e agarrar-se ao dormente apenas com uma mão. Desprendeu-se com facilidade de seus captores, como eles mesmos, afinal, tentavam se desprender dele, e escapuliu equilibrando-se sobre o desfiladeiro, se pendurando de mão em mão sobre o rio, até o esqueleto do trecho seguinte. Um colega do sr. Toomis, equilibrado em um dormente, correu para tentar chutar os dedos do sujeito. O china foi passando de dormente em dormente feito um artista de circo e desceu por dentro da estrutura toda de

traves cruzadas. Alguns operários saudaram sua fuga, enquanto outros, embora sem saber ao certo por que ele estava sendo perseguido, gritaram que era preciso pegar o bandido. O sr. Sears tirou da cartucheira presa ao cinto um grande revólver de quatro tiros de pólvora preta e disparou os quatro, mas não acertou. O china, àquela altura, já tinha sumido.

Caminhando para casa após esse incidente, Grainier andou mais de três quilômetros para passar em Meadow Creek, na loja do vilarejo da beira da estrada, e comprar uma garrafa de Salsaparrilha Hood's para sua mulher, Gladys, e a filhinha deles, Kate. Estava quente na subida pela floresta até a cabana, e antes de encarar o último estirão ele parou e tomou um banho de rio, no Moyea, num trecho fundo, rio acima, antes do vilarejo.

Era noite de sábado, e, preparando-se para ela, um grupo de funcionários da ferrovia de Meadow Creek também estava ali no poço, tomando banho de roupa, homens sentados nas pedras para se secar antes que a última luz do dia deixasse o vale. Os homens haviam posto os sapatos e as botas de lado e entravam devagar até os ombros, berrando e espirrando água. Muitos já bebiam uísque da garrafa, sentados e trêmulos depois das ablucções. Aqui e ali um braço e uma mão segurando um chapéu velho ressaltavam da superfície quando alguém molhava só a cabeça. Grainier não reconheceu ninguém e ficou à parte, sozinho, de olho em suas botas e na garrafa de salsaparrilha.

No crepúsculo, a caminho de casa, Grainier via o china em toda parte. O china na estrada. O china na mata. O china de passo suave, suspenso por braços e mãos que pareciam cordas. O china que fugiu dançando, para longe do rio, feito uma aranha.

Ele deu a garrafa de Hood's a Gladys. Ela estava sentada na cama próxima ao fogão, amamentando a bebê, e sofria de ecze mas. Ela bem podia ter cuidado daquilo e se lavado, preparado algumas batatas com trutas para o jantar, mas era costume deles pôr a bebê para dormir depois de uma ou duas doses do adocicado tônico Hood's, quando Gladys tinha dor de cabeça ou estava com o nariz entupido, e então ganhavam uma folga de tais tarefas. A filhinha de Grainier também parecia ter um vermelhão no rosto. Seus olhos estavam um pouco remelentos e o catarro borbulhava penso de suas narinas enquanto ela chupava e fungava no seio da mãe. Kate tinha quatro meses de vida, ainda sem um fio de cabelo. Não pareceu reconhecê-lo. Seu probleminha não era grave, desde que não vivesse uma tosse.

Agora Grainier estava de pé junto à mesa do único cômodo da cabana, e preocupado. O china, ele tinha certeza, havia lançado sobre eles alguma poderosa maldição enquanto era arrastado, e algo de ruim talvez pudesse resultar daquilo. Apesar de agora estar perplexo com todo o alvoroço da tarde, desorientado com a violência, com o modo como se deixara levar por ela, feito uma semente ao vento, o jovem Grainier ainda desejava que tivessem ido em frente e matado aquele china antes que ele os amaldiçoasse.

Sentou-se na beira da cama.

“Obrigada, Bob”, disse a esposa.

“Você gostou da sua salsaparrilha?”

“Gostei sim, Bob.”

“Você acha que a pequena Kate sente o gosto no seu peito?”

“Claro que sente.”

Muitas noites eles ouviram o trem da Spokane International rumo ao norte, de passagem por Meadow Creek, três quilô-

metros vale abaixo. Esta noite o apito distante o acordou, e ele se viu sozinho na cama de palha.

Gladys estava acordada com Kate, sentada no banco junto ao fogão, raspando aveia cozida da borda da panela e deixando a bebê chupar o mingau da ponta de seu dedo.

“Quanto você acha que ela já entende, Gladys? O mesmo que uma cachorrinha, você calcula?”

“Um filhote consegue sobreviver sozinho depois que é desmamado da cadela”, disse Gladys.

Ele esperou que ela explicasse o que tinha querido dizer com aquilo. Ela sempre estava adiantada em relação a ele.

“Uma criança não conseguiria fazer isso”, ela disse, “simplesmente ir embora e viver depois de desmamada. Um cachorro sabe mais do que um bebê, até a hora que o bebê aprende as palavras. Mas não só algumas palavras. Porque um cachorro criado em casa também sabe algumas palavras — tanto quanto um bebê.”

“Que palavras, Gladys?”

“Você sabe”, ela disse, “as palavras dos truques e das coisas que você manda ele fazer.”

“Diga então algumas, Glad.” Estava escuro e ele queria continuar ouvindo a voz dela.

“Bom... pega, vem, senta, deita, rola. Das coisas que ele sabe fazer, ele sabe as palavras.”

No escuro ele sentiu os olhos da filha virados para ele como os de um animal encurralado. Eram apenas seus pensamentos pregando-lhe peças, mas sentiu um frio dominando sua espinha. Ele estremeceu e puxou a colcha até o pescoço.

Durante toda a sua vida, Robert Grainier se lembraria desse exato momento nessa noite em particular.

2.

Quarenta e um dias depois, Grainier estava com os funcionários da ferrovia e assistiu à primeira locomotiva atravessar o vão livre de trinta e quatro metros sobre os dezoito metros de altura do desfiladeiro, viajando em cima da ponte que eles haviam construído. O sr. Sears estava ao lado da máquina, uma única locomotiva, e ergueu seu revólver de quatro tiros para anunciar o lançamento. Ao som do disparo, o maquinista levantou o freio e saiu da geringonça, e os homens gritaram quando ela avançou devagar sobre os trilhos e atravessou o Moyea até o outro lado, onde um segundo homem esperava para subir a bordo e freá-la antes que descarrilasse. Os homens saudaram e berraram. Grainier ficou triste. Não conseguia imaginar por quê. Ele também saudou e berrou. A estrutura seria batizada de Ponte do Corte das Onze Milhas, pois eliminara a longa curva que contornava o desfiladeiro, atravessando por uma passagem adjacente, e evitaria que a Spokane Internacional tivesse de arcar com trilhos e balastro nos quase dezoito quilômetros daquele trecho.

A experiência de Grainier no Corte das Onze Milhas deixou-o ávido por outras empreitadas grandiosas, nas quais multidões de homens acabavam com um trecho da floresta e montavam estruturas grandes como não sei o quê, tricotando vastos andaimes de madeira no vazio dos abismos intransponíveis, sempre maiores, mais longos, mais profundos. Em 1920, ele foi para o noroeste de Washington ajudar na reforma da ponte do Desfiladeiro Robinson, a maior da época. Os artífices de tais projetos haviam conseguido abarcar um espaço de sessenta e três metros de altura e duzentos e quarenta e cinco de extensão com uma ferrovia capaz de suportar uma locomotiva e dois vagões cheios de toras. A ponte do Desfiladeiro Robinson tinha então quase trinta anos de uso, instável e aterrorizante — ninguém conduzia os carros durante a travessia, nem mesmo o maquinista. O guarda-freios subia do outro lado.

Encerrada a reforma, Grainier subiu ainda mais floresta adentro com a Companhia Simpson e foi trabalhar na extração de madeira. Um sistema de estradas curtas de madeira cobria a região. Os trilhos serviam apenas para transportar as toras para fora da floresta; era o trabalho daqueles quarenta e poucos homens, aos quais Grainier se juntara para trazer as toras, em grupos de seis cavalos, até os cabos que as conduziam ao nível dos trilhos.

Na plataforma, ficava uma gigantesca locomotiva que o capitão dizia ser uma mula, um aparato com dois tremendos tambores de ferro, um que soltava o cabo e outro que o enrolava de volta, arrastando as toras até o aterro da ferrovia e enviando o gancho simultaneamente para a corrente, que enlaçava a tora seguinte. A locomotiva era uma velha maria-fumaça a lenha que apitava, resfolegava e gemia, enquanto seus vapores rugiam feito uma caçoeira, os cavalos sobre o calçamento movendo-se gigantescamente numa espécie de silêncio, o ruído deles apagado pela agitação do vapor e do maquinário. Dali as toras seguiam para os

vagões abertos de carga e depois atravessavam a maravilhosa profundidade do Desfiladeiro Robinson, descendo a montanha até a conexão que as levaria para todas as ferrovias do continente americano.

Nesse ínterim, Robert Grainier havia feito trinta e cinco anos. Sentia saudade de Gladys e Kate, sua Menina e sua Menininha, mas vivera solteiro por trinta e dois anos até encontrar uma esposa, e facilmente se acostumara à constante solidão em meio aos incontáveis abetos.

Grainier fazia o trabalho de laçador não na plataforma, mas na floresta, onde os serradores atuavam em duplas para derrubar os abetos, os lenhadores usavam machados para limpá-los e os falquejadores os cortavam em troncos de cinco metros e meio antes que os laçadores os envolvessem com o cabo para serem rebocados pelos cavalos. Grainier adorava o trabalho, o esforço, a exaustão intensa, o descanso profundo no fim do dia. Ele gostava do tamanho grandioso das coisas na mata, da sensação de estar perdido e distante, e da ideia de que ali, com tantas árvores como sentinelas, nenhum perigo poderia encontrá-lo. Mas segundo Arn Peeples, um dos colegas, hoje um velho, antes um insignificante serrador, as próprias árvores eram assassinas, e embora um bom serrador pudesse prever noventa e nove vezes como seria a queda, e mesmo conseguindo, com cortes perfeitos e cunhas, fazer uma gigante de cinquenta toneladas girar para cima na encosta e cair para trás com todo jeito feito uma agulha, a centésima vez poderia esmagar a cabeça dele e deixá-lo morto como uma pedra. Simples assim. Arn Peeples disse que um dia viu uma tora de cinco toneladas saltar para o alto com um solavanco, sair voando do vagão de carga e cair sobre seis cavalos, matando os seis. Só quando você deixava uma árvore em paz ela podia tratá-lo como um amigo. Depois que a lâmina se cravava, você havia começado uma guerra.

Descontando alguma outra coisa que podia perturbá-los, a equipe, que às vezes chegava a mais de quarenta e nunca tinha menos de trinta e cinco homens, pelejava com a mata do nascer do sol até a hora do jantar, derrubando e falquejando o abeto gigante em pedaços de tamanhos manejáveis, realizando suas tarefas que, Grainier às vezes pensava, podiam equivaler às pirâmides, alterando a face das montanhas, pouco falando, berrando seus recados, vivendo com a sensação viscosa de piche na barba, suor lavando o pó de suas ceroulas compridas e se acumulando nas dobras do pescoço e nas juntas, um cheiro tão espesso de piche que pegava na garganta, ardia nos olhos e chegava a suplantar o fedor dos animais e do estrume. Ao fim do dia, a equipe dormia praticamente no lugar em que caía. Poucos preferiam cabanas. A maioria dormia em barracas: eram artefatos antigos muito remendados com aniagem, na maioria dos casos; mas as lonas eram originalmente das barracas da infantaria da Guerra Civil, provindas do lado da União, segundo Arn Peeples. Ele mostrou manchas de sangue no tecido. Algumas daquelas barracas tinham abrigado a cavalaria americana nas campanhas dos índios, servindo assim durante mais tempo, certamente, do que qualquer outra coisa ali, segundo as contas de Arn Peeples.

“Deixem-me só com essa machadinha, rapazes”, ele gostava de dizer. “Quando eu começo a cortar, vocês vão chegar de manhã e não vai mais ter nenhum pedacinho de ontem...”

“Eu nasci para cortar no verão”, disse Arn Peeples. “Vocês, mateiros de Minnesota, ainda reclamam. Eu só começo a funcionar bem quando está quase trinta e oito graus. Trabalhei num pico perto de Bisbee, no Arizona, que ficava a menos de vinte quilômetros do sol. Dava quarenta e sete graus no termômetro, e cada grau desses tinha uns trinta centímetros. Isso na sombra. E lá não tinha sombra.” Ele chamava todos os colegas de “mateiro de Minnesota”. Até onde se sabia, nunca alguém ali havia sequer passado por Minnesota.

Arn Peeples tinha vindo do sudoeste e dizia ter conhecido e falado com os irmãos Earp em Tombstone; ele descrevia os famosos homens da lei como “uma ralé de malucos”. Tinha trabalhado nas minas do Arizona na juventude, depois percorreu o país como serrador durante décadas, e agora era um vagabundo caduco e encurvado, sempre resmungando, fugindo do pesado, o homem mais velho daquelas matas.

Sua verdadeira utilidade era apenas eventual. Quando um túnel precisava ser escavado, ele servia como carregador de explosivos, colocando as cargas e sumia blasfemando cada vez mais fundo num penhasco até sair do outro lado, com os homens limpando a sujeira de cima dele depois de cada explosão. Era um sujeito supersticioso e fazia tudo exatamente da mesma forma que fizera nas Montanhas Mule do sul do Arizona, nas minas de cobre.

“Eu vi o senhor John Jacob Warren perder toda a sua fortuna. Bêbado, apostou que corria mais que um cavalo.” Isso talvez fosse verdade. Arn Peeples não era de mentir, pelo menos não alegava conhecer muitas pessoas famosas, além dos Earp, e, de qualquer forma, ninguém lá em cima jamais tinha ouvido falar de nenhum John Jacob Warren. “Apostou que corria mais que um garanhão de três anos! Ficou parado na rua balançando para a frente e para trás com os olhos virados, aquele bêbado, quero dizer, o homem mais rico do Arizona!, e saiu correndo atrás do rabo do garanhão e olhando sem parar para ele. Apostou a mina Rainha do Cobre inteira. E acabou perdendo! É claro que hoje em dia ele já perdeu até as calças, e não pode mais se dar ao luxo de uma boa aposta.”

Às vezes Pepples colocava uma carga, virava o pino para desligar e não ganhava nada por isso. Então uma tensão e um silêncio generalizados dominavam a mata. Homens trabalhando a quase um quilômetro dali de alguma forma entendiam que estavam

diante de uma bomba gorada, e todo o serviço era interrompido. Peeples esvaziava os bolsos de todos os seus pertences — um relógio de latão, um pente de lata, e um palito de dentes prateado —, deixava em cima de um toco e avançava na escuridão de seu túnel sem nem olhar para trás. Quando ele saía depois de virar seus pinos novamente e a dinamite explodir com estrondo, os homens saudavam e uma nuvem de poeira saía do túnel e chovia rocha pulverizada em todo mundo.

Parecia certo que Arn Peeples deixaria o mundo num sopro de fumaça com um estrondo monstruoso, mas ele acabou morrendo de modo bem diferente, atingido na parte de trás da cabeça por um galho morto de um lariço altíssimo — espécie de revés do chamado “fazedor de viúva”, justamente tendo em vista esse tipo de desgraça. O golpe deixou-o atordoado, mas logo ele já estava de volta e parecia bem, só reclamando que a coluna ficara com uns “nós no meio das juntas” e “tenho que andar assim, torto”. Desde então, passou a ter dessas tonturas, foi ficando mais avoado e esquecido no decorrer dos dias, domingo inteiro passou deitado com calafrios e febre, e na segunda-feira de manhã foi encontrado morto na cama, com as cobertas puxadas até o queixo e “uma tal expressão de conforto”, nas palavras do capitão, “que parecia melhor nem incomodar e simplesmente enterrá-lo numa sepultura bem maior do jeito que estava, com cama e tudo”. Arn Peeples tinha dito que uma árvore de pé podia ser um amigo, mas foi uma árvore assim que causara sua morte.

O melhor amigo de Arn, Billy, também já velho, mas costumericamente mudo, juntou algumas palavras à beira da sepultura: “Arn Peeples nunca enganou ninguém”, disse. “Nunca roubou, nem mesmo um doce quando era pequeno, um garotinho, e viveu até ficar bem velho. Acho que fica aí, para todos nós, a lição de que se formos corretos, vamos todos viver bastante. Em nome de Jesus, amém”. Os outros disseram: “Amém”. “Eu que-

ria poder nos dar o dia de folga”, disse o capitão. “Mas não sou eu, é a companhia e a guerra.” A guerra na Europa havia gerado uma grande demanda de abetos. Um armistício já havia sido assinado dezoito meses antes, mas o capitão acreditava ser algo temporário, até que as batalhas fossem retomadas e um dos lados massacrasses o outro, até o último homem.

Naquela noite, os homens discutiram as qualidades e os defeitos de Arn e repassaram em detalhes suas últimas horas. A contusão no cérebro teria de fato feito estragos, ou teria sido a febre que começara subitamente? No delírio ele berrara um palavrório louco — “retas reverendas rochosas!”, ele havia gritado; “pioneiro mateiro grude de cadeia! Cuidado! Cuidado!” —, evocara espíritos de seu passado e dissera que havia recebido a visita da irmã e do marido dela, embora ambos, Billy disse ter certeza, estivessem mortos fazia muitos anos.

O trabalho de Billy era manter a locomotiva de dois tambores sempre hidratada e lubrificada e verificar se os cabos não estavam gastos. Era um serviço fácil, serviço de velho. Quem engraxava de verdade a máquina era um menino de doze anos, Harold, filho do capitão, que ia na frente com um balde, antes que as equipes com os cavalos chegassem, e besuntava as toras com óleo de tubarão, passando entre os dormentes com um esfregão de estopa para mantê-las escorregadias. Certa manhã, uma quarta-feira, dois dias depois da morte e do enterro de Arn Peoples, o mesmo Harold sentiu tontura e caiu no meio do serviço, e os cavalos empinaram e quase derrubaram a carga, ao tentar não atropelá-lo. O menino foi salvo de morrer esmagado graças à afortunada presença de Grainier, que estava ali por acaso, esperando para atravessar, e tirou o garoto do caminho, rebocando-o pela perna da calça. O capitão passou a tarde inteira cuidando do filho, molhando sua testa com água fresca. A juventude era febril e louca, e tinha sido essa a doença que o fizera prostrar-se na frente daqueles grandes animais.

Na mesma noite, o velho Billy também sentiu calafrios e ficou arfando de um lado para o outro em seu catre, sem parar de se agitar, até bem depois da meia-noite. Com exceção dos comentários no enterro do amigo, Billy provavelmente só tinha deixado escapar duas ou três palavras durante todo o tempo que os homens o conheciam, mas agora ele não deixou os mais próximos dormirem, e aqueles que dormiam mais longe no acampamento mais tarde disseram que o ouviram no meio do sonho, sempre dizendo o próprio nome — “Quem é? Quem está aí?”, ele dizia. “Billy? Billy? É você, Billy?”

A febre de Harold amainou, mas não a de Billy. O capitão agia como um homem assombrado, perambulando pelo acampamento e importunando os homens, sempre que possível escolhendo alguém para cutucar, forçar as pálpebras abertas com o polegar e abrir e inspecionar a mandíbula, como um comprador de gado. “Vamos encerrar por este verão”, ele disse aos homens na sexta-feira à noite, quando faziam fila para o jantar. Ele havia calculado o pagamento de cada um deles — Grainier havia mandado dinheiro para casa durante todo o verão e ainda tinha quatrocentos dólares para receber.

No domingo à noite, eles encerraram os trabalhos, as últimas toras desceram a montanha e mais seis homens apareceram com calafrios. Na segunda-feira cedo, o capitão deu a cada trabalhador um bônus de quatro dólares e disse: “Vão embora daqui, rapazes”. A essa altura, Billy também já havia melhorado da crise de sua doença. Mas o capitão disse que estava com receio de uma epidemia de gripe como a de 1897. Ele próprio havia ficado órfão na ocasião, sua família inteira de treze filhos morta na mesma semana. Grainier teve pena do chefe. O capitão sempre fora um líder forte e justo, um homem de meia-idade e olhos azuis que pouco trocava com outras pessoas além do filho, Harold, e que jamais contara a ninguém que tinha crescido sem família.

Esse foi o primeiro verão de Grainier na mata, e o Desfiladeiro Robinson foi o primeiro transposto pelas muitas pontes ferroviárias em que ele trabalhou. Anos depois, várias décadas depois, na verdade em 1962 ou 1963, ele observava uns jovens metalúrgicos que trabalhavam na estrutura da ponte onde a U. S. Highway 2 cruzava o trecho mais profundo do desfiladeiro do rio Moyea, tão comprido e fundo quanto o Robinson. A velha rodovia fazia um longo desvio para atravessar um trecho mais raso; a nova pista cruzava bem no meio do abismo, centenas de metros acima do rio. Grainier estava impressionado com os rapazes que batiam nos capacetes uns dos outros e os derrubavam lá de cima sobre uma rede de segurança, dez ou doze metros abaixo, e depois pulavam atrás do capacete, saltando como loucos na rede, escalando de volta pelos cabos até a passarela de madeira. Ele também havia sido um belo de um chimpanzé sobre as vigas-mestras, mas agora mal conseguia subir em um toco sem sentir um certo enjoo. Enquanto os observava, ocorreu-lhe que tinha vivido já oitenta anos e havia visto o mundo dar muitas voltas.

Alguns anos antes, em meados dos anos 1950, Grainier pagara dez centavos para assistir ao Homem Mais Gordo do Mundo, que ficava deitado em um divã dentro de um trailer que o levava de cidade em cidade. Para colocar o Homem Mais Gordo do Mundo nesse divã, era preciso remover o teto do trailer e depositar o homem lá dentro com um guindaste. Ele pesava então mais de quatrocentos e cinquenta quilos. Ficava ali recostado, imenso e suando em bica, com um bigode, um cavanhaque e um brinco de ouro de pirata, usando uma bermuda dourada e nada mais, sua carne se espalhando para todos os lados de uma ponta a outra do divã e derramando-se, pensa, para o chão como uma cachoeira represada, enquanto para fora dessa grande massa de si mesmo brotavam cabeça, braços e pernas. As pessoas fa-

ziam fila para ficar na porta aberta e olhar para dentro. A todos ele pedia que comprassem uma foto dele, de uma pilha junto à janela, por dez centavos.

Mais tarde em sua longa existência, Grainier confundiu a cronologia do passado e chegou a ter certeza de que o dia em que vira o Homem Mais Gordo do Mundo — aquela noite — fora o mesmo dia em que estava na Fourth Street de Troy, em Montana, quarenta e poucos quilômetros a leste da ponte, e vira o trem que levava o estranho e jovem artista do interior Elvis Presley. O trem particular de Presley havia parado por algum motivo, talvez para consertar, ali naquela cidadezinha que não tinha sequer estação própria. O famoso rapaz havia aparecido na janela por instantes e erguera a mão para acenar, mas Grainier saíra da barbearia do outro lado da rua tarde demais para ver. Foi o que lhe contaram as pessoas da cidade ali paradas depois que o sol se pôs na rua, ao lado do grande baixo que era o motor a diesel em marcha lenta, falando muito baixinho quando abriam a boca, contemplando o mistério e o esplendor de um menino tão grandioso e solitário.

Grainier também tinha visto um cavalo amestrado e um menino-lobo, e voara com um biplano em 1927. Havia começado sua história numa viagem de trem da qual não se lembrava, e terminara parado do lado de fora de um trem onde estava Elvis Presley.